



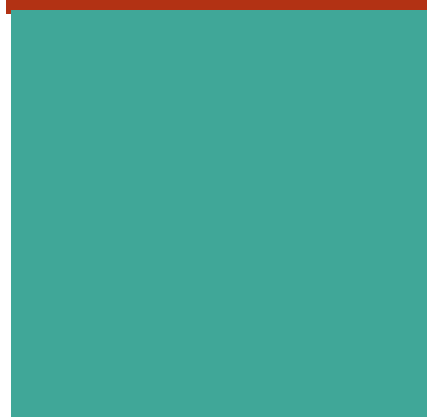
The Exploit: uma teoria de redes” e um olhar dirigido à conectividade, enlaces políticos, elementos humanos e não humanos e à resistência

Resenha

GALLOWAY, Alexander R.; THACKER, Eugene. **The Exploit: a theory of networks**
Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007. E-book Kindle

Marcia Maria Melo Quintslr

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
(PPGCI), IBICT-UFRJ



As conexões entre a organização política e a dinâmica das relações de poder na sociedade em rede foram analisadas por meio de uma perspectiva crítica por Galloway e Thacker, explicitada desde o título do livro. A expressão “*The exploit*” refere-se às possibilidades de resistência ou ruptura frente às articulações em rede.¹

Os autores abordaram o processo de globalização que, em décadas recentes, estabeleceu a migração de um sistema de controle instalado em um número relativamente pequeno de *hubs* de poder para um sistema de controle atrelado à materialidade distribuída, entrelaçado a diferentes ocorrências: o declínio da economia fordista no Ocidente; o surgimento da economia da informação e de serviços; a consolidação da força de trabalho transnacional ou imigrante; a crescente importância de máquinas em rede nas forças legais e militares; a implantação de sistemas farmacológicos complexos para terapias de saúde e gestão de populações, entre outras.

Na primeira parte do livro, os autores transmitiram uma visão abrangente das questões políticas que a organização em rede impõe enfrentar. Focalizaram o debate sobre a geopolítica e a reverberação dos problemas e situações constituídos em rede, quer a partir dos vírus nos campos da informática ou da saúde, quer através de questões ou das lutas sociopolíticas.

A intensa conexão entre redes e controle foi ressaltada, associada ao fato de que as redes, por sua mera existência, não são libertadoras, uma vez que exercem formas de controle que operam ao nível do anonimato e do não humano, que é material. Observaram que as redes possuem variações internamente, são assimétricas, tendo o poder como aditivo. Assim, para os autores, “Tanto quanto a mera existência da Internet

¹ O termo “*exploit*” é traduzido como exploração, mas se apresenta também o seguinte significado “*a software tool designed to take advantage of a flaw in a computer system, typically for malicious purposes*”, que traduzo livremente, “uma ferramenta de software projetada para tirar proveito de uma falha em um sistema de computador, geralmente para fins maliciosos”. Assim, optei por manter o termo em inglês, cabendo esclarecer que os autores o adotaram inspirados na ação de se tirar proveito de uma falha em um sistema, tendo em vista o entendimento de que a resistência nas redes deve se armar de tal senso de oportunidade.

não implica democracia, redes não implicam o modo distributivo. Nem implicam horizontalidade.” (p. 18, tradução nossa).

Referindo-se ao caso dos Estados Unidos, Galloway e Thacker elaboraram duas questões centrais: Como podem coexistir um sistema global de controle distribuído e uma superpotência única hegemônica? Estaria ocorrendo a emergência de uma nova soberania face às redes? Respostas teóricas às questões postas foram analisadas. No que diz respeito ao unilateralismo *versus* multilateralismo os autores recorrem ao olhar Foucaultiano para explorar o caráter de baixo para cima das relações de poder como uma importante estratégia para o entendimento das abrangências locais e globais inerentes às relações em rede. A respeito de ubiquidade e universalidade, utilizaram o enfoque determinístico e advertiram que os estudos de relações de poder frequentemente gastam muito tempo no âmbito ideológico das disputas políticas, apesar da existência de outra abordagem pertinente - da arquitetura do poder.

Para o debate sobre soberania centralizada, contextualizado à geopolítica, os autores apontaram três formatos de conflitos políticos sobre uma linha do tempo: o primeiro correspondia a conflitos simétricos, caracterizados por disputas entre duas forças hegemônicas, que foi substituído, a partir da segunda metade do século XX, pelo segundo formato em que um poder hegemônico entra em conflito com redes. Fizeram a conjectura de que tal assimetria surgiu para negar o excesso de centralização, constituindo uma “inspiração para o conceito de “exploit”, uma falha ressonante designada a resistir, ameaçar e finalmente desertar o diagrama político dominante.” (p. 21).

Na última e corrente etapa é vigente o terceiro formato, os conflitos voltaram à simetria, porém, através de disputas de redes contra redes. Os autores advertiram que no contexto de tais simetrias não se pode perder de vista que o poder em rede pode estar entre dois extremos - profundamente distribuído ou sob controle de hierarquia rígida. Pontuaram, também, que todos os regimes políticos contemporâneos estavam em alguma relação em rede e que redes e soberania não eram incompatíveis. As redes, na verdade, criaram condições para um novo tipo de soberania e a os Estados Unidos seguiram como figura proeminente neste cenário.

Assim, na visão de Galloway e Thacker, para sua efetividade, os futuros movimentos políticos devem descobrir um novo “*exploit*”, ou nos termos dos autores, “uma completamente nova topologia de resistência a ser inventada, considerando radicalmente os elementos não humanos de todas as redes, para além dos humanos.” (p. 22, tradução nossa).

Um contraponto entre os significados antigo e atual do termo conectividade, que no passado era sinônimo de engajamento, foi explorado. Como uma característica central da sociedade em rede, a conectividade tornou-se uma ameaça, uma arma, segundo os autores. Através dela avisos de bombas e alertas de terror injetaram ansiedade intangível nas populações, exatamente como a bomba real faria. Fizeram uma provocação, “Neste sentido, o Ocidente criou o terrorismo durante a era pós-moderna, ou pelo menos criou as condições para o terrorismo emergir.” (p. 16, tradução nossa).

As redes informáticas, que viabilizaram tal conectividade, eram realmente importantes, mas, no final das contas, os poderes soberanos eram mais. Foram apontados o contínuo estado de emergência no Ocidente, no Oriente Médio, na África e em muitas partes do mundo, como prova da importância das ações daqueles poderes na sociedade em rede. Neste contexto, os autores reforçaram duas questões: a inegável importância das redes e que sua constituição, ainda que completamente entrelaçada com a vida social, carregava consigo elementos não humanos e misantrópicos. Adicionaram esse lidar com a busca do não humano no humano, como um elemento fundamental a ser considerado.

A partir da Teoria dos Grafos, as redes são formadas de nós e linhas, assim os dois capítulos seguintes do livro receberam como títulos, respectivamente, esses nomes dos componentes. No entanto, a abordagem crítica e complexa adotada pelos autores ficou longe de se restringir a tratar dos dois elementos constituintes das redes. São surpreendentes e instigantes a complexidade e a variedade de questões teóricas e abordagens empíricas trazidas com o objetivo de se construir a melhor compreensão da dinâmica das relações e da própria arquitetura das redes.

O segundo capítulo, intitulado “Nós”, tem como epígrafe uma frase de Deleuze que prenuncia a extensão dos tópicos ali vistos: “A busca da comunicação universal deve nos fazer estremecer”. (p.24, tradução nossa)

A onipresença dos discursos sobre as redes recebeu questionamentos por parte dos autores por terem se constituído em pretextos para criticar antigas formas de organização social, por exemplo, no que concerne à rigidez hierárquica. Os autores recorreram à *netwar*, tal como descrita por Arquilla e Ronfeldt e, também, à adesão da organização em redes em ações militares, para colocar em xeque tais discursos fáceis de exaltação às redes. Por outro lado, registraram o surgimento de termos tais como anarquia, rizomas, distribuição e negação de autoridade para explicar sistemas de todos os tipos. No entanto, os autores recusaram que tais termos fossem sinônimos de apolítico ou de desorganização e, de acordo com a argumentação anterior, defenderam exatamente o contrário, que tais rizomas e distribuições sinalizam um novo estilo de administração que é tão real, “quanto a hierarquia piramidal, a democracia representativa, a soberania, ou qualquer outro princípio de controle social ou político.” (p. 29, tradução nossa).

Tamanha propagação das redes levou os autores a questionarem se restaria um lugar fora delas que permitisse observá-las sob uma perspectiva crítica, levando em conta a ambiguidade entre política e tecnologia, bem como a busca pelo princípio da organização política que mantém as redes.

O conceito de protocolo e sua relevância para a organização e o funcionamento das redes foram detalhadamente analisados, englobando regras e padrões que governam as relações em rede. Para os autores, este protocolo é menos sobre disciplina e normatividade e mais sobre controle, sob a forma de modulação, distribuição e flexibilidade (p. 30).

Galloway e Thacker abordaram múltiplos aspectos que passam pela teoria dos grafos e pela existência de protocolo, mas alertaram para a insuficiência de uma e de outra para contemplar o dinamismo imanente às redes. Para eles, as teorias de rede existentes pecam porque excluem o elemento que faz da rede uma rede, isto é, seu caráter dinâmico.

A inquietação com a dinâmica das redes e a indicação de que rede e controle se sobrepõem levaram os autores a abordarem a sociedade de controle, como estabelecida por Deleuze ao destacarem que

[...] o controle não é simplesmente manipulação, mas sim modulação. [...] E que não se controla simplesmente um dispositivo, uma situação ou um grupo de pessoas; ao contrário, "controle" é o que permite uma relação com um dispositivo, uma situação ou um grupo. (p. 35, tradução nossa).

A centralidade da informação foi explorada, “Tanto nas redes computacionais, quanto nas biológicas, a função dos protocolos é direcionar fluxos de informação.” (p. 55, tradução nossa) e mais “A informação é a substância do protocolo. Informação é que faz o protocolo importar.” (p. 57, tradução nossa).

Retomaram a reflexão sobre os *exploits* e contra protocolos, destacando que o alvo da resistência “Trata-se do vasto aparato de organização técnico-político que chamamos protocolos.” (p.77, tradução nossa). Ademais, “Se as redes não são construções apenas tecno científicas, mas redes experienciais de vida em tempo real e dinâmicas, então faz sentido considerar resistência como viver, como vida-resistência.” (p. 78, tradução nossa).

Ainda sobre *exploits*, os autores indicaram que conflitos frente a protocolos não estão centrados na tecnologia existente, consistindo, no lugar disso, na busca por buracos nas tecnologias existentes, projetando modificações através destes buracos (p. 81). Propuseram ainda inversão heurística, no sentido de observar os *exploits* para avançar na compreensão das práticas políticas (p. 82).

O capítulo intitulado “linhas” inicia pela constatação de que, enfim, uma base comum de comunicação se apresenta, uma linguagem entre sistemas, mas uma linguagem que apenas máquinas podem compreender. Este aspecto foi explorado sob o enfoque da confluência entre distintas redes. Redes de AIDS, terrorismo e econômicas podem ser observadas a partir de um padrão comum, um conjunto de relações entre nós e linhas e um padrão topológico referido à circulação da informação em cada rede.

A riqueza de outros aspectos imbricados nessa linguagem comum foi explorada nesse capítulo, incluída a seguinte questão: Como desenvolver técnicas e tecnologias para

não ser capturado pelos controles em rede vigentes? Galloway e Thacker apontaram caminho radical, cuja efetividade é difícil de se compreender. “Quando a existência é uma ciência de controle mensurável, então a não existência deve ser uma tática para qualquer coisa que deseje evitar controle.” (p. 136, tradução nossa).

O capítulo conclusivo, denominado Coda, destaca inicialmente que as redes são sempre relacionadas, embora ambigualmente, com a soberania (p. 149). O conceito de multidão de Negri e Hardt, que consiste em múltiplas singularidades unificadas num “comum”, mas que mantém singularidades, foi trazido, uma vez que a

A multidão tem uma direção, mas suas ações e decisões são distribuídas. O uno da multidão é menos um uno transcendente, servindo para homogeneizar a coletividade, é um uno imanente (seria melhor dizer univocidade) que é a possibilidade de organização coletiva. (p.150, tradução nossa).

Ademais, Galloway e Thacker reproduziram a recomendação de Hardt e Negri, “Nós temos que olhar não apenas a forma, mas também o conteúdo do que (os movimentos) fazem.”. (p. 152, tradução nossa). Além do traço humano das redes, os autores persistiram no não humano que integram materialmente as redes e questionaram: São as multidões sempre humanas? Podem as multidões e as redes não serem humanas e, ainda assim, serem políticas? (p. 153).

Galloway e Thacker apresentaram uma sugestão, conscientes da surpresa que causariam. Para fundamentar as discussões sobre o não humano no humano enumeraram redes diversas que reforçam a característica híbrida dos problemas das redes. Como ilustração, cabe citar exemplo recente e marcante: a propagação do novo coronavírus, que resultou numa pandemia, e suas inúmeras implicações.

O ponto aqui não é que redes sejam inerentemente revolucionárias, mas que redes são constituídas por esta tensão entre agregação unitária e distribuição anônima, entre a intencionalidade e a agência de indivíduos e grupos por um lado, e a estranha intencionalidade não humana das redes como um todo abstrato. (p. 155, tradução nossa).

Os autores tomaram essas qualidades não humanas como fundamentais, embora sem excluir o papel da decisão humana. “Redes, [...] nos mostram o não humano no

humano, e que o sujeito humano individuado não é a unidade básica da constituição da rede, mas uma miríade de informação, afetos e questões.” (p.155, tradução nossa).

A partir dessas ponderações os autores surpreenderam de fato, trouxeram redes como formas elementares, algo totalmente antigo, associado ao período pré-Socrático em que foram citados Anaxágoras e Heráclito, para quem tudo flui e o fogo é o elemento que constitui o mundo, como energia em fluxo e dinâmica. Os autores apontaram, a partir disso, o elementar, como o aspecto ambiental de redes que define todas as coisas, que nós como sujeitos humanos individuados ou grupos não controlamos ou manipulamos diretamente (p.158).

O elementar é concernente a variáveis e à variabilidade de escala, do nível micro ao macro, as formas em que um fenômeno em rede pode subitamente se expandir ou contrair, com a ação mais local tornando-se um padrão global e vice-versa. O elementar requer de nós elaborar uma completa climatologia de pensamento. (p. 158, tradução nossa).

Assim, Galloway e Thacker concluíram que as redes envolvem uma mudança de escala, na qual a preocupação central não é mais a ação de agentes individuais ou nós na rede, sendo cada vez mais importante a própria distribuição e dispersão da ação por toda a rede. Com essa valoração da ação, apesar do incontestável relevo dado ao não humano, é possível compreender por que os autores declaram que seu entendimento sobre as redes é totalmente humano (p. 158).

Referências

ARQUILLA, John and David Ronfeldt. *Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime, and Militancy*. **RAND Corporation**. Santa Monica. CA. 2001. https://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1382.html. Also available in print form.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **império**. 2000. Disponível em <<http://148.202.167.116:8080/xmlui/handle/123456789/1716>> Acessado em Abril/2022